

Crash

Nivaldo Lemos

I

As nuvens de setembro cobrem Nova Iorque
E muge em bronze o touro de Wall Street
E abre suas asas em vão a águia imperial.
Subprimes explodem como tulipas de pixel
São moedas de bile em uma bolsa de fel.
De súbito a vida é apenas uma hipoteca
Presa na jaula aberta de um Tigre de Papel.

II

Oh, musa Liberdade, colosso de silêncio e cobre
Que Emma Lazarus chamou de Mãe do Exílio,
Por receberes multidões famintas como filhos,
A chama de esperança que na tua tocha ardia
É hoje falsa como tulipa em aquarela de Redouté
Como um aurorescer chuvoso que esconde o dia.
Em Wall Street, a vida é um jogo na mão do crupiê!

III

Oh, Leviatã de asas, Príncipe do Apocalipse!
No estuário árido das metáforas o poeta busca
E sua busca é como a luz da lua num eclipse:

Ilumina pelo avesso e, mesmo escura, ofusca.
O mundo é um cassino e já não nos serve a sorte
Pois não há mais Las Vegas, Mônaco, Nova Iorque.
Apenas o guizo de uma serpente anunciando a morte.

IV

Após quatro séculos, o futuro ainda é *windhandel!*
Mas a guilha agora é de tijolo, cimento, ferro e aço.
E sob o luar da noite setembrina na nova Amsterdã
Rondam sonâmbulos michês embriagados de céu:
Deuses do mercado, banqueiros, executivos, CEOs
Hipotecando a vida, financiando a morte num abraço,
Como se plantando fome no campo vazio do amanhã.

V

Definitivamente já não existe manhã em Wall Street!
A aurora foi aprisionada na alma dos heróis em riste
Nos bancos sem jardins, no que não é mais presente
No pranto global dos miseráveis, nos sorrisos tristes.
No jogo aleatório dos dados, no DNA do último grão.
Só metáforas insistem em fazer a vida transcendente
Enquanto a morte compõe seu réquiem à civilização.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/crash>